

# LETRAS & VIRTUDES: CRÍTICA E AUTOGNOSE LITERÁRIAS E ÉTICA PÚBLICA

Paulo Ferreira da Cunha

Faculdade de Direito da Universidade do Porto

Rua dos Bragas, 223, 4050-123 Porto

(351) 22 204 16 00 | lusofilias@gmail.com

Resumo: Partimos de obras e opiniões de vários autores literários, e de alguns críticos e ensaístas, para problematizar a questão da ética, da moral na sua relação com a obra literária. Não procuramos uma abordagem sistemática, nem alcançar uma teorização geral, mas visamos somente um diálogo que permita compreender, com exemplos, uma tese óbvia em si, e apenas importante no *iter* que a ela permite chegar, ou dela partir: que há tensões e opções nos diversos autores. Tanto podendo eles assumir uma perspectiva estetizante ou realista e, por uma razão ou por outra, ser alheios a critérios morais (ou a eles indiferentes, ou aparentemente neutros), como defender uma qualquer teorização moral, ou problematização voluntária da questão ética, nomeadamente com uso de dilemas éticos. Depois há que avaliar em que medida a adesão e difusão ética por parte de um autor não é uma forma de ideologia ou afim. A questão, no limite, é que todas as opções que não sejam verdadeiramente inócuas (e poucas das sociais o serão, se algumas o forem) serão morais e ideológicas. Sendo uma das noções da ideologia a que a tem como uma filosofia vulgar(izada), voltamos de algum modo a ela, mesmo assim.

Palavras-Chave: Literatura, Ideologia, Ética.

Abstract: We start this work by some opinions of various literary authors, and those from some critics and essayists, to discuss the issue of ethics and morality in its relationship with the literary work. We do not seek a systematic approach or reach a general theory, we only aim a dialogue that might help to understand, with examples, an obvious thesis itself: that there are tensions and different options among the various authors on these matters. So they can take on either a aestheticizing style or thinking, or a more realistic perspective. And, for one reason or another, some of them may be unrelated to moral criteria (or indifferent to them, or seemingly neutral). Some others, may defend a moral theorizing, or may present the ethical question, particularly with use of ethical dilemmas. It is also important to evaluate to what extent the angagment and ethics spread by an author is not a form of ideology or the like. The question, ultimately, is that all the options that are not truly innocuous (and certainly few of the social options will be, if any) will be moral and ideological. Ideology is defined by some people as a common philosophy, a philosophy for the vulgar use. So, we return to ideology and philosophy, again.

Keywords: Literature, Ideology, Ethics.

"Nos *Louvres da Poesia*, com que Filipe Nunes inicia o seu tratado prático (conjunto de leis exemplificadas), observa que já entre os Gregos a *Arte Poética* era a filosofia primeira, a qual nos ensina logo de tenra idade o modo de viver e mostrava nossos costumes e afeições (...)".

João Palma-Ferreira — "A Narrativa de Ficção em Portugal do Século XVI ao Barroco", in *Temas de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1983, p. 75

### **I. Defeitos morais da Literatura? Fingimento, Mentira e Verdade**

Começamos por um tópico muito familiar, e aparentemente consensual, embora o não seja, como já iremos ver.

Diz Pessoa que "o poeta é um fingidor". E, segundo ele, que era poeta e sabia do que falava por experiência própria, chegaria a fingir ser dor a dor deveras sentida. Opinião algo diversa teria Gaspar Simões, o qual foi, como é bem sabido, uma autoridade das autoridades da crítica literária entre nós, durante muitos anos. A propósito do poeta Afonso Duarte, não queria que lhe falassem em "mentira poética". Mas será a mesma coisa? E acrescentava uma sentença que se arrisca a condenar Pessoa (mas, na verdade, tocá-lo-á?): "Poeta que 'mente' é poeta pouco humano. Só mentem os poetas que esperam, com a mentira, criar uma verdade que não têm"<sup>1</sup>. Recentemente, alguém alargou a discussão aos jornalistas, afirmando algo como isto: os jornalistas procuram mil factos para mentir, enquanto os escritores, mentindo sempre, afinal estão em busca da verdade.

Todas estas afirmações categóricas nos parecem imensos exageros.

Mas a questão da verdade e da mentira em literatura, e especialmente na literatura em Portugal (já que é o nosso ponto mais próximo de observação, e também o possível ponto de mira para o problema) irremediavelmente nos remete para um outro tema, que é o da moral e assim, necessariamente, da virtude nas Letras. Tal como Luc Ferry<sup>2</sup>, não entraremos aqui nas distinções entre moral e ética. Não temos aliás respetos humanos que nos inibam de falar em moral<sup>3</sup>... Embora obviamente concedamos que se podem, com as duas palavras, uma de origem grega e outra de origem romana, cunhar interessantes e úteis distinções e concetualizações, de que, contudo, não nos ocuparemos agora... Não se nos afigura que nisso haja utilidade, e *entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*...

---

<sup>1</sup> SIMÕES, João Gaspar — *Retratos de Poetas que conheci*, Porto, Brasília, 1974, p. 43.

<sup>2</sup> Cf., por último, FERRY, Luc / CAPELIER, Claude — *La plus belle histoire de la Philosophie*, Paris, Laffont, 2014,

<sup>3</sup> Fizemo-lo mais explicitamente até no nosso *Filosofia Jurídica Prática*, Lisboa, Quid Juris, 2009.

Aqueles que vilipendiam ou deploram a falta de ética em política, aqui e agora, poderiam alargar um pouco os horizontes, procurando noutras paragens. Tudo indica que essa mácula cai em todo o pano, e quiçá mais se criticam os políticos porque os seus erros têm graves repercussões gerais, e porque as suas falhas e defeitos gozam de maior exposição pública, por via da comunicação social.

William Faulkner traça um retrato do artista que poderia ser o de um desses políticos à solta, de faca nos dentes, pronto a conquistar o seu lugar na História (e antes de mais na fama, na *fortuna* e no poder) custe o que custar e a quem custar:

"Um artista é uma criatura conduzida por demónios. Não sabe porque é escolhida por eles e em geral está demasiado ocupada para se preocupar com isso. É completamente amoral, no sentido em que assalta, pode emprestado, mendiga e rouba, seja quem for, para conseguir fazer o seu trabalho"<sup>4</sup>.

O político também acha, frequentemente, que os fins justificam os meios. E Maquiavel é uma estória para crianças, nos tempos que correm... Também o escritor, para Faulkner:

"A única responsabilidade do escritor é para com a sua arte. Será absolutamente impiedoso se for dos bons (...)"<sup>5</sup>.

É ainda mais concreto, e macabro até, com um exemplo de algum snobismo literário: Para si, *A Ode on a Grecian Urn* (1820), de John Keats "vale quantas velhinhas for preciso"<sup>6</sup>.

Certamente mais uma hipérbole. Toda a gente minimamente culta sabe, porém, que as academias, institucionais e informais, os cenáculos e tertúlias, onde haja intelectuais, aí se encontrarão grande número de enfermidades do carácter. A fama, a vã glória, que tanto inebriam os políticos (e fazem remoer de inveja os candidatos frustrados a tal: muitas vezes há um político frustrado mal enterrado no maldicente), são fúrias negras que envenenam também essas almas que em tese deveriam ser seres etéreos, quase translúcidos: os cultores das ciências, das artes e das letras.

Mas não são apenas os fumos de glória... Por detrás do trabalho que pode ser etéreo e excelso, há pessoas, pessoas com traços de humanidade muito comuns (que a mística do estrelato e do vedetismo, mesmo nos artistas de artes mais profundas obnubila frequentemente nas parangonas mediáticas), que têm as suas idiossincrasias, as suas

---

<sup>4</sup> FAULKNER, William — Entrevista a Jean Stein, in *Entrevistas da Paris Review*, seleção, tradução, prefácio e notas de Carlos Vaz Marques, Lisboa, Tinta-da-China, MMX, p. 58.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>6</sup> *Idem, Ibidem*.

irritações, as suas predileções e naturalmente, se for o caso, até os seus preconceitos. Espíritos altíssimos como Elizabeth Bishop e Thomas Mann, por exemplo, com toda a sua simpatia por outros povos, revelam naturalmente as suas origens e a sua radicação nelas.

A primeira, que nunca chegou a aprender suficientemente bem o Português, dizia que o Brasil, onde viveu, *não tinha saída*, com múltiplas coisas *sujas, escuras, sebosas*, país “letárgico, egoísta, meio autocomplacente, meio maluco”, “(...) tudo é muito malfeito sem acabamento”, e pasme-se (totalmente ao arrepio de tantos testemunhos estrangeiros): “o nível geral de beleza é muito baixo”<sup>7</sup>.

Já Mann, o genial autor da *Montanha Mágica*<sup>8</sup>, cheio de equilíbrio, argúcia e subtileza, que se evidenciam nomeadamente na construção de personagens como Naphta e Setembrini, nos apresenta num pequeno conto uma experiência estival em Itália (obviamente ficcional) de

“choques com a mentalidade local, com o ingénuo abuso do poder, com a injustiça, com a corrupção marcial”<sup>9</sup>.

Relata-nos uma infernização balnear feita de desentendimentos com uma direção de hotel que cede, servilista, a gente importante, um banhista puritano de chapéu alto e fraque e outras peripécias que desgostam um turista calmo, equilibrado e racional. Fala assim de

“uma mentalidade coletiva que, embora dificilmente palpável, pairava no ar e pretendia estragar-nos uma estada tão agradável quanto sinistra”<sup>10</sup>.

E afirma ainda, por exemplo, a dado passo:

“A juventude era sadia e graciosa; porém, estava inevitavelmente rodeada de mediocridade humana e de joio burguês, que, deve (devo?) admitir, embora marcado por esta região, não tem mais encantos do que sob o nosso céu. E as vozes dessas mulheres! (...)”<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> GIROUX, Robert (org.) — *Uma Arte: As Cartas de Elizabeth Bishop*, trad. port. de Paulo H. Britto, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 267, *apud* BRITTO, Paulo Henrique — *Bishop no Brasil*, um dos textos introdutórios de BISHOP, Elizabeth — *Poemas Escolhidos de...* seleção, tradução e textos introdutórios de Paulo Henrique Britto, 2.<sup>a</sup> reimp., São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 38.

<sup>8</sup> MANN, Thomas — *Der Zauberberg*, trad. port. de Herbert Caro, *A Montanha Mágica*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d..

<sup>9</sup> Idem — *Mario und der Zauberer*, Berlim, S. Fischer, 1930, trad. port. de Ana Maria Carvalho, *Mário e o Mágico*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Dom Quixote, 1999, p. 16.

<sup>10</sup>, *Idem, Ibidem*, p. 20.

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*, p. 18.

As vozes deveriam irritá-lo muito. E dá o exemplo de uma, “escancaradamente rouca, execravelmente acentuada, com um è estridentemente aberto”<sup>12</sup>... Na verdade, não se está à espera de encontrar alguém de chapéu alto e cartola na praia, mas certamente há mães a gritar pelos filhos... Contudo, longe de nós qualquer generalização: são apenas matizes, traços de humanidade nos escritores, que podem, por seu turno, eventualmente, concitar da parte de alguns leitores reações mais ou menos empáticas.

Voltemos ao nosso fio. Confessamos não saber mesmo se haverá algum recanto bucólico da atividade humana em que os vícios se não encontrem, estes ou aqueles, sob esta ou aquela forma, *mutatis mutandis*. E cada recanto parece cultivar certas especialidades...

Voltemos então às Letras. Como se sabe, pela própria natureza do género, pareceria que a autobiografia deveria ser (com as Confissões, se elas não se tivessem transformado em manual moralista com Agostinho, ou feira de narcisismo com Rousseau<sup>13</sup>) lugar por excelência de verdade. E verdade amadurecida já pelo recuo da idade e do tempo.

Retomemos, porém, Gaspar Simões: Parece que não, parece que há obstáculos complexos que se levantam. E a dificuldade do género reside precisamente em que algo não especificamente mencionado, mas que devasta sobretudo os grandes homens (ou as grandes mulheres, claro está), torna a autobiografia em Portugal algo difícil. Não é com um sentimento muito solar que o crítico começa um seu livro autobiográfico:

"Não é fácil escrever uma autobiografia neste nosso País. Portugal é uma terra onde o célebre aforismo 'não há grande homem para o seu criado de quarto' tem aplicação cabal."<sup>14</sup>.

E não se pode deixar de ver algum amargor na continuação:

---

<sup>12</sup> *Idem, Ibidem*, p. 19.

<sup>13</sup> Impiedosos têm sido muitos dos comentadores de Rousseau. Por exemplo, afirma RUSSELL, Bertrand — *A History of Western Philosophy, And Its Connection with Political and Social Circumstances from the Earliest Times to the Present Day*, 3.<sup>a</sup> impressão, Nova Iorque, Simon and Shuster, 1945, p. 685, depois de sacrificar ao lugar comum de um Rousseau totalitário (que desembocaria em... Hitler!, enquanto o bom Locke teria no seu tempo como herdeiros Churchill e Roosevelt): "Rousseau's biography was related by himself in his *Confessions* in great detail, but without any slavish regard for truth. He enjoyed making himself out a great sinner, and sometimes exaggerated in this respect; but there is abundant external evidence that he was destitute of all the ordinary virtues." Cf., sobre a questão política e da herança do autor do *Contrato Social*, o nosso artigo *Rousseau e a Atualidade do Contrato Social*, in "Seara Nova", n.º 1721, Outono de 2012, p. 46 ss..

<sup>14</sup> SIMÕES, João Gaspar — *Op. cit.*, pp. 154-155.

"Ainda não pude apurar, todavia, concretamente, se a culpa desta diminuição sistemática dos grandes homens no nosso pequeno País cabe, de facto, aos seus criados de quarto... Não caberá antes aos grandes homens?"<sup>15</sup>.

Resta saber que grandes homens ou que pretensos grandes homens. E mais adiante, agora em clave autobiográfica:

"Não sou um grande homem, decerto, mas eles, que de bom grado me negarão essa qualidade - qualidade que eu sei não ter - eles, com toda a certeza, é que tudo farão para se comportarem relativamente a mim como 'verdadeiros criados de quarto'"<sup>16</sup>.

## II. *L'Enfer c'est les autres...*

Ao longo da referida obra, realmente autobiográfica, Gaspar Simões apresenta-nos, na verdade, muitas variantes do fenómeno da incompreensão, do autismo e até do confronto literário. Só um par de exemplos, de duas atitudes reveladoras, em duas cartas endereçadas ao autor.

Uma, grata, mas com outras mágoas antigas, certamente, é do excêntrico mas probíssimo Afonso Lopes Vieira, pessoa fora do seu tempo, espécie de pequeno Quijote literário com ares de *dandy*. Lopes Vieira agradece uma crítica ao autor, ciente da pesada cortina de silêncio que se abate sobre os que não andam nos *mentideros* da moda e das cortes várias:

"Creio que já uma vez lhe disse que um artigo de crítica constitue uma festa do espírito para um autor nascido em Portugal. Foi essa quanto rara alegria que V. me deu"<sup>17</sup>.

Realmente, o vate de São Pedro de Moel, como tantos e tantas, ontem como hoje (e hoje parece doer-lhes ainda mais, pois tantos são os meios de conhecer o que se vai fazendo: "Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar", se recordaria Sophia de Mello Breyner, noutra contexto) vivia mesmo

"esquecido numa terra onde os literatos têm memória de galinha - só se lembram do milho que a contemporaneidade lhes atira para a capoeira em que ergueram o seu canto de aves de poleiro (...)"<sup>18</sup>,

como agudamente vê o nosso crítico literário. Mas decerto há lugares em que a falta de memória é ainda maior que em Portugal... Em que só a moda e a capelinha

---

<sup>15</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>16</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>17</sup> SIMÕES, João Gaspar — *Op. cit.*, p. 21.

<sup>18</sup> *Idem, Ibidem.*

parecem colher os sufrágios até dos pretensos intelectuais. Fazendo de quem possui sentido histórico e de recuo *avis rara* de altíssimo valor.

Só ocorre assim com os literatos? Naturalmente que não. Também assim sucede em todos os subsistemas de todo o espaço público, em que todos estão imediatamente prontos a não reconhecer quem apareça, e logo a esquecer quem esteve por momentos na ribalta, salvo se for para, quais abutres, lugubrememente festejar, a título póstumo, quem já não pode fazer frente e especialmente concorrência.

Voltemos à nossa meada. A outra carta é como que doutrinal, assentando princípios de como proceder face a uma outra carta que não teria resposta. Deve-se à pena mais fleumática de Fernando Pessoa, não sem o seu toque de evocação jurídica, o que lhe dá um outro sabor:

"A carta não tinha, realmente, resposta necessária; achei melhor não responder. Que diabo responderia? Em primeiro lugar, é indecente aceitar intimações em matéria extrajudicial. (...) *Patere et abstine*, recomendavam os estóicos"<sup>19</sup>.

Contudo, Pessoa invoca o sofrimento e a abstenção. Também não está nada feliz.

Por vezes não se sabe se as imprecações são contra colegas de pena (ou cavalete, ou cinzel, ou palco...) ou contra inimigos figadais na praça pública. E uma coisa pode volver-se noutra, porque o político tem muito de artista, para o bem e para o mal. O autor de *Dom Tanas de Barbatanas*, bom conhecedor de tocas de lobos, Tomás de Figueiredo, brinda-nos num conto com esta passagem, que bem poderia ser (se tivessem o seu vocabulário) uma invocação ritual na banda dos conquistadores do poder (e dos derrotados nessa conquista):

"Quem me tornara hoje aborrecimentos comparantes, a mim que tenho resistido a engolir pedras e saramelas, que tenho aparado no estômago o couce de um ror de bestas. O demo confunda essa súcia, a escorne bem escornada! Cada macho, cada mula, cada onagro orelhudo! Que súcia, que seita, que récua!"<sup>20</sup>.

E só um título de Camilo diz tudo: *A Corja*. Ainda que muito, na política, possa ser quase inocente *Queda de um Anjo...*

### **III. Literatura e Virtude(s)**

Mas as similitudes da Arte (e especificamente da Literatura, que é uma arte mais fanérica, mais explícita: pois que lida logo com palavras) e da Política têm também os

---

<sup>19</sup> Carta de 28 de junho, cremos que de 1930, *apud op. cit.*, p. 56.

<sup>20</sup> FIGUEIREDO, Tomás de — *A Outra Cidade, Contos*, Lisboa, Verbo, s.d., p. 15.

seus lados positivos. Há também uma afinidade pelas virtudes, como sempre há entre o Bom, o Belo, o Justo e o Verdadeiro e suas manifestações. Não discutiremos as preferências estéticas e mesmo epocais na afloração concreta destes valores altíssimos. Mas para alguns se toda a Literatura tem uma dimensão ética, e até catártica, para outros seria na forma clássica que essa dimensão atingiria o ápice:

"Na verdade, segundo a visão classicista, a obra será tanto mais realizada quanto maior o seu poder de veicular, através da bela e suave revelação da forma, ensinamentos e verdades que elevem o conhecimento e contribuam para o aperfeiçoamento do género humano.

Nesta conexão, recebe particular destaque o efeito moral do produto artístico. Embora quase todos os grandes poetas e artistas - Dante e Shakespeare não menos do que Corneille e Racine - sejam de opinião que a obra de arte tem uma função importante, antes de tudo ética, pois deve enobrecer o homem, purgando-o da carga de paixões que ele acumula na vida social e não consegue descarregar, o classicismo lhe dá um relevo específico, vinculando-o à boa 'forma', capaz de falar à razão."<sup>21</sup>

É possível pensar-se esta questão de vários ângulos: pode ser também que precisamente o classicismo de um obra decorra da sua capacidade em colocar as questões mais altas dos valores (admita-se que de uma forma plena de *gravitas* e *decorum*). E que a sua ligação com a racionalidade remeta já para algo de especialmente valioso.

Mas há idênticas apologias da Literatura em clave menos clássica, até mesmo em forma mais passional (e desde logo heróica, ou épica). Na sua edição à *Poesia Completa* de José Martí, o grande revolucionário cubano e poeta de fino gosto e sensibilidade, que tombou de armas na mão pelos seus ideais, afirma (na introdução) Carlos Javier Morales uma concreta imbricação de amores e labores, levada muito a sério:

"Para el héroe cubano José Martí (1853-1895) no fue la poesía una dedicación marginal, ni mucho menos un ejercicio lúdico, de escasa significación en su personalidad heroica. La poesía fue para él, muy al contrario, una actividad sublime del espíritu y una de las ocupaciones sustanciales de la vida humana, de tan elevado rango como su lucha social y política"<sup>22</sup>.

Assim coloca o problema o revolucionário independentista:

---

<sup>21</sup> ROSENFELD, Anatol / GUINSBURG, J. — "Um Conceito de Classicismo", in *O Classicismo*, org. de J. Guinsburg, São Paulo, Perspectiva, 1999, p. 375.

<sup>22</sup> MORALES, Carlos Javier — Introducción a *Poesia Completa* de José Martí, Madrid, Alianza Editorial, 1995, p. 7.



"Quien es el ignorante que mantiene que la poesía no es indispensable a los pueblos? Hay gentes tan cortas de vista mental, que creen que toda la fruta se acaba en la cáscara. La poesía, que congrega o disgrega, que fortifica o angustia, que apuntala o derriba las almas, que da o quita a los hombres la fe y el aliento, es más necesaria a los pueblos que la industria misma, pues ésta les proporciona el modo de subsistir, mientras que aquélla les da el deseo y la fuerza de la vida."<sup>23</sup>

Também Martí sabia como é difícil franquear as portas:

"Y gritan: 'Al bribón!'  
Cuando a las puertas  
Del Templo augusto un  
hombre libre asoma!"<sup>24</sup>

São já clássicas as soluções encontradas e as tomadas de posição sobre virtude e arte. E como que se faz uma metáfora do decorum ideológico na adequada forma literária. Mas não nos iludamos. Num belíssimo romance, *Aqueles cães malditos de Arquelau*, Isaias Pessotti, pela voz de uma personagem do seu romance, pergunta e dá a resposta:

"O que se recusou foi o pensamento filosófico de Eurípides, ou a forma teatral da sua obra? Se fosse a forma literária, os diálogos de Platão também ficariam no limbo"<sup>25</sup>.

Talvez porque uma posição esteticista, assim como a realista (curiosamente confluentes nestes casos) tenham levado a que se fizessem grandes obras efabulando umas e retratando outras situações pouco ou nada morais para a época é que numa primeira fase das relações entre Direito e Arte (e mais especificamente entre Direito & Literatura) foram de conflito, de Direito *contra* a Arte, julgando-a e muitas vezes a condenando. A obra de arte e sobretudo literária explicitamente moralista é normalmente uma desgraça estética. A *colaboração do demónio* de que falava Dostoiewsky faz muita falta à qualidade artística. Por isso André Gide impressionaria Heidegger quando afirmou, no seu livro sobre o grande romancista russo: "C'est avec les beaux sentiments qu'on fait la mauvaise littérature"<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> MARTÍ, José — *Obras Completas*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, t. 19, p. 354, *apud* Carlos Javier Morales, *op. cit.*, p. 8.

<sup>24</sup> *Idem* — *Académica*, in *Versos Libres (1882?)*, *apud Poesía Completa* de José Martí, pp. 89-90.

<sup>25</sup> PESSOTTI, Isaias — *Aqueles cães malditos de Arquelau*, 5.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Editora 34, 2005, p. 189.

<sup>26</sup> GIDE, André — *Dostoiewski*, Paris, 1923, p. 247, *apud* HEIDEGGER, Martin — *Que és eso de Filosofía*, trad. cast., p. 11, comentando (obviamente na versão em castelhano que citamos): "Los sentimientos no pertenecen a la filosofía; ni siquiera los más bellos". Não é uma posição consensual, evidentemente...

Mas não deixa de ser curioso como noutros autores, mesmo mais nossos contemporâneos, a importância da Moral parece relevantíssima. Será talvez o caso de Iris Murdoch, em cujo ideoleto pessoal a expressão "moral" parece adquirir até novos contornos, mais latos. Afirma a autora de *A Fairy Honourable Defeat*, nomeadamente:

"Acima de tudo tem de se refletir sobre os valores, a moralidade, os dilemas morais delas. Não se pode escrever um romance sem insinuar valores. Não se pode escrever um romance tradicional sem dar às personagens problemas e juízos morais."<sup>27</sup>.

Certamente que quando afirma a importância de uma literatura moral, ou que tenha em consideração o moral, nos não está a advogar um simples e vitoriano moralismo. E depois a expressão moralismo é também uma arma de arremesso e estigmatização. Contra Camus dirá Sartre:

"Sua moral primeiramente se transformou em moralismo, hoje não passa de literatura e amanhã será, quem sabe, imoralidade"<sup>28</sup>.

É demasiado efeito de estilo para poder ser uma análise profunda do autor do *Homem Revoltado*. Sartre era um crítico implacável. Nunca nos esqueceremos que foi pesquisar as fontes de Denis de Rougement para liquidar um seu alvitre sobre a China<sup>29</sup>...

Mas elevando-nos acima da polémica: será que o grau degradante ou degradado do moralismo, antes da imoralidade, será a literatura, como parece fazer-nos crer? A literatura estará entre o moralismo e a imoralidade? Como, em que termos? Seria uma especulação interessante, se não suspeitássemos que é um desses caminhos que, mais que *Holzwege*, não levam a parte nenhuma<sup>30</sup>.

Evidentemente que, à parte a pura *arte pela arte* ou lateralidades e contingências, que podem atingir cumes relevantes, mas serão neutrais em matérias dos valores que mais doem, grande parte da Literatura tem uma dimensão moral. Ao menos no sentido de um posicionamento no Mundo, e pressupondo uma regra de vida qualquer, ainda que indefinida, naturalmente, num curto poema. A seriedade moral (cremos que num sentido latíssimo) parece ser até considerada por alguns um dos

---

<sup>27</sup> MURDOCH, Iris — Entrevista a Jeffrey Meyers, in *Entrevistas da Paris Review*, vol. 2, trad. e notas de Rita Almeida Simões, Lisboa, tinta da China, MMXIV, p. 243.

<sup>28</sup> SARTRE, Jean-Paul, in "*Temps modernes*", maio de 1952, *apud* CALVET, Louis-Jean — *Roland Barthes*, Paris, Flammarion, 1990, trad. port. de Maria Angela Villela da Costa, *Roland Barthes. Uma Biografia*, São Paulo, Siciliano, 1993, p. 140.

<sup>29</sup> SARTRE, Jean-Paul — "Denis de Rougement: O amor e o Ocidente", in *Situações*, vol. I. *Crítica Literária*, trad. de Cristina Prado, São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 85.

<sup>30</sup> A tradução francesa de *Holzwege* é, precisamente: HEIDEGGER, Martin — *Chemins qui ne mènent nulle part*, trad. fr., Paris, Gallimard, ed. de 1962.

critérios para que numa certa aceção a Literatura seja considerada do ponto de vista estético:

"(...) fine writing of an imaginative / creative kind imbued with moral seriousness - engages with aesthetics, for in this sense literature has come to be classified as one of the high arts"<sup>31</sup>.

O que pode colocar muitas dúvidas, porém... Sendo totalmente legítima uma crítica ética da Literatura, como da arte em geral<sup>32</sup>, já decidir o que é ou não é literário ou artístico segundo critérios morais parece de enorme exagero, além de votado ao unilateralismo. Potencialmente ao totalitarismo.

Aliás, não é fácil encontrar uma completa inoquidade. E outra dimensão do moral é o ideológico. Jan Morris afirmou que, ao contrário do mundo soviético (apesar de se dizer atraído pelo comunismo, aparentemente pelo seu "propósito moral"), o Império britânico seria ideologicamente neutro (e para mais ético):

"A tragédia da União Soviética foi ter sido marcada pelo declínio de um império ideológico. O Império Britânico não tinha nenhuma ideologia, tirando a que desenvolveu através de uma espécie de regras empíricas que mudavam à medida que se avançava. Havia uma regra geral de jogo limpo." <sup>33</sup>.

Essas regras empíricas terão a ver com tática, certamente... Integrada numa estratégia. De modo algum o pensamos para a inocuidade britânica (deixando agora de lado o complexo problema soviético, que aqui apenas se referenciou pelo cotejo no trecho citado). Barthes, mais próximo de nós que qualquer dos demais teorizadores, desde o conde de Tracy, ajudou-nos a ver com olhos de ver que a ideologia se imiscui em tudo, em tudo está presente, e sobretudo quando pratica a *exdenomination*, ou seja, o querer parecer que não está lá (cá), o branquear o que "leva água no bico" mas disso o senso comum não se apercebe...

Nas suas *Mythologies* (na verdade explicando-as em "Palavras Prévias") diz o semiólogo:

"O ponto de partida desta reflexão era na maior parte dos casos um sentimento de impaciência perante o 'natural' de que a imprensa, a arte, o senso comum revestem sem cessar uma realidade que, sendo embora aquela em que vivemos, nem por isso é menos perfeitamente histórica: numa palavra, sofria ao ver a cada momento

---

<sup>31</sup> LAMARQUE, Peter — *Literature, in The Routledge Companion to Aesthetics*, 2.<sup>a</sup> ed, editado por Berys Gaut e Dominic McIver Lopes, Londres e Tóquio, Routledge, reimp. de 2007, p. 571.

<sup>32</sup> GAUT, Berys — *The Ethical Criticism of Art, in Aesthetics. A Comprehensive Anthology*, ed. por M. Cahn e Aaron Meskin, Malden / Oxford / Carlton, Blackwell, 2008, p. 589 ss..

<sup>33</sup> MORRIS, Jan — Entrevista a Leo Lerman, in *Entrevistas da Paris Review*, vol. 2, cit., p. 303.

confundidas, na narração da nossa actualidade, a Natureza e a História, e queria captar na exposição decorativa do que se dá como evidente o abuso ideológico que, em meu entender, nele se esconde."<sup>34</sup>

Só por esta síntese teria valido a pena a afincada dedicação, durante as manhãs (só saindo de casa à tarde), no projeto (mais tarde as *Mythologies*) que chamou, e bem, "sociologia da vida quotidiana", como relata o seu biógrafo Jean-Louis Calvet<sup>35</sup>.

Recordando Granger e Bachelard, o problema é sempre (e hoje mais ainda) a "experiência primeira", o "encanto do vivido", a tirania imanentista e acrítica do senso comum<sup>36</sup>. Não há dúvida de que tinham razão Umberto Eco e Isabella Pezzini quando consideraram este belo livro de Barthes como regido por "um soberbo instinto de sistema"<sup>37</sup>.

Voltando a Morris. Como pode um Império não ter ideologia? Embora seja preciso ser subtil para entender o que se esconde por detrás de certas pseudo-assepticidades, pseudo recusas do mundo, etc. O que está, realmente, escondido por detrás do poema de Régio *Meu menino, Ino Ino*, sobretudo o seu final:

"— Que rumor é aquele? Não sentes?  
— Meu amor, que te importa? É a vida a dar socos na porta.  
É lá fora. São eles. É o mundo. São gentes...  
— São gentes? Quem são? — São colegas, amigos, parentes...  
— Vai dizer-lhes que não! Vai dizer-lhes que não!"<sup>38</sup>

#### **IV. Literatura, Moral e Ideologia**

Parece-nos evidente que a ideologia é uma redefinição também da moral, das morais. As ideologias redefinem as virtudes e os vícios. Ao menos modelam-nos, dão-lhes certa entoação ou tonalidade. E quanto menos discretas forem<sup>39</sup>, mais serão tendencialmente totalitárias na determinação de uma moral.

---

<sup>34</sup> BARTHES, Roland — *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, ed. port. com trad. e prefácio de José Augusto Seabra, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 1978, p. 5.

<sup>35</sup> CALVET, Jean-Louis — *Roland Barthes. Uma Biografia*, trad. port. de Maria Ângela Villela da Costa, São Paulo, Siciliano, 1993, p. 136.

<sup>36</sup> EPSTEIN, Isaac — Prefácio a *O Dilema da Pesquisa*, de Lucilene Cury, São Paulo, EDUSP, 2008, p. 21. Cf. ainda o nosso livro *Desvendar o Direito*, Lisboa, Quid Juris, 2014, máx. p. 147 ss., *et passim*.

<sup>37</sup> ECO, Umberto / PEZZINI, Isabella — *La Sémiologie des sémiologies*, in "Communications", n.º 36, 1982, p. 25. *Apud* CALVET, Louis-Jean — *Roland Barthes*, p. 146.

<sup>38</sup> Cf. ed. eletrónica in <http://www.nicoladavid.com/literatura/jos-rgio/meu-menino-ino-ino> (consultado 27 de dezembro de 2014).

<sup>39</sup> Cf. essa dimensão da "discreção" ideológica in PUY, Francisco — *La Socialdemocracia y su Parentela Ideológica*, "Anuario de Filosofia del Derecho", Nova época, tomo X, Madrid, 1993.

A "vantagem" da moral "judaico-cristã-burguesa-ocidental" etc., que não é tão diversa da "socialista", aliás<sup>40</sup>, na sua dimensão messiânica, heróica e idealista, mas também em muitos aspetos práticos (não falamos de hipocrisias nem de desvios), é ter no quotidiano atingido um *modus vivendi* acessível praticamente a todos (na verdade, uma espécie de rotina - pequena rota, etimologicamente; *via pequena*, se diria... - burguesa), permitindo uma certa paz social. A qual evidentemente é rompida sempre que haja uma sede de pureza ou purificação excessiva (fanática, intolerante, fundamentalista<sup>41</sup>), ou uma indiferença total pelas ideias-força de humanidade e solidariedade, como ocorre hoje com as ideologias que escandalizam, por exemplo (mas é um exemplo significativo, parece-nos), o Papa Francisco, designadamente na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*<sup>42</sup>. Porque elas rompem o pacto de moralidade social mínima instalada.

Evidentemente que aqui se está já no plano teológico, mas obviamente também político. Não são temas com poucas atinências literárias e filosóficas, mas, como dizia o Estagirita, *Ananké stenai*. Fiquemos por aqui. Já fomos longe demais.

E contudo, é preciso ainda ir um pouco mais. Para retomar apenas a parte final de um belo poema, que utilizamos, como sempre se faz, *pro domo*:

“Drácula, penetro  
no seu espírito interdito,  
no jardim das delícias.  
Cometo (insensato)  
a grande virtude capital.”<sup>43</sup>

Nos tempos que ainda correm é uma enorme virtude capital o empreendimento já nem sequer interdisciplinar, mas pós-disciplinar<sup>44</sup>. Quando se é contudo culpado em grupo, entre quantos ousam atravessar pontes invisíveis como as dos conquistadores

---

<sup>40</sup> Cf., v.g., HOURDIN, Georges / GANNE, Gilbert — *Les valeurs bourgeoises*, Nancy, Berger-Levrault, 1967, trad. port. de Alfredo Barroso, *Os Valores Burgueses*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 35.

<sup>41</sup> Os extremismos decerto mais extremados serão os religiosos *proprio sensu*, logo seguidos dos ideológicos dessas ideologias que na verdade são novas religiões com divindades imanentes. Cf. PÉRISSÉ, Gabriel — *O Fanatismo Religioso é um Ateísmo*, “Correio da Cidadania”, 4 de setembro de 2007: <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/809/53>; BOFF, Leonardo — *Fundamentalismo. A Globalização e o Futuro da Humanidade*, Rio de Janeiro, Sextante, 2002.

<sup>42</sup> Cf., v.g., os nossos estudos *Da Doutrina Social do Papa Francisco na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, in “International Studies on Law and Education”, vol. 18 (2014); *A 'Evangelii Gaudium' no contexto da doutrina social da Igreja. Uma Leitura Juspolítica*, in “Humanística e Teologia”, vol. 35, 2014, pp. 289-296.

<sup>43</sup> DAL FARRA, Maria Lúcia — “Fruto Proibido”, in *Livro de Auras*, São Paulo, Iluminuras, 1994, p. 64.

<sup>44</sup> *Postdisciplinarietà y desarrollo humano. Entre pensamiento y política*, Y. Moyano, S. Coelho y G. Mayos (eds.), A. Matos, C. Santander, D. Pinheiro, F. Bambirra, Ll. Soler, M. Gustin, R. de Lima, P. Da Cunha y S. Mas, Barcelona, Red ed, 2014.

do Graal da Filosofia e da Poesia (e outras...), apetece dizer, *Felix culpa. Mea maxima culpa.*